

## O Projeto de Roberto Burle Marx para a Universidade Federal do Rio Grande do Norte: a pesquisa e a possibilidade de implantação futura do jardim

PAULO JOSÉ LISBOA NOBRE\*  
MARIZO VITOR PEREIRA\*\*

**Resumo:** O artigo trata de um projeto paisagístico de Roberto Burle Marx, datado de 1976 e até o momento não executado. Trata-se do Jardim do Pátio Interno da Biblioteca Central da UFRN, localizado em Natal/RN. Desconhecido na bibliografia oficial do paisagista, assim como na cidade e na própria Universidade, a “descoberta” deste projeto faz parte dos esforços dos pesquisadores no sentido de divulgar a obra deste paisagista brasileiro. O objetivo principal deste artigo é sensibilizar os gestores e a comunidade universitária no sentido de discutir a preservação do patrimônio e da memória da UFRN, no momento em que a Instituição comemora seu aniversário de sessenta anos. Para tanto, busca alertar para a necessidade de implantar o projeto, uma vez que existem novas demandas para a Biblioteca e intenções de adaptar o edifício a novas funções, o que pode comprometer a possibilidade futura da execução do Jardim. Após estudar as circunstâncias em que o projeto foi desenvolvido, a pesquisa avançou na análise da proposta paisagística utilizando a computação gráfica como meio de construir o projeto em realidade virtual. Ao adotar esse procedimento metodológico, foi possível compreender melhor as ideias do autor, bem como compartilhar as informações de forma didática e eficiente. As primeiras análises já foram publicadas, as quais possibilitaram obter novos resultados, na medida em que a pesquisa despertou o interesse da equipe da Superintendência de Infraestrutura da UFRN, responsável pela construção civil e arquitetura do Campus, assim como pela conservação do patrimônio edificado.

**Palavras-chave:** Jardim moderno; Patrimônio; Natal/RN.

*Roberto Burle Marx's Landscape Garden in the Federal University of Rio Grande do Norte: research and the possibility of further implantation*

**Abstract:** The article focuses on the design of Roberto Burle Marx dated from 1976 and not executed. It is the Garden of the Interior Courtyard of the UFRN Central Library, located in Natal/RN. Unknown in the official bibliography of the landscape artist, as well as in the city and in the University itself, the “discovery” of this unexecuted project is part of the researchers' efforts, whose main objective is to publicize the work of this Brazilian landscape designer. The main objective of this article is to seek to make aware managers and the university community in order to discuss the preservation of UFRN's patrimony and memory, at a time when the Institution celebrates its sixtieth birthday. Therefore, it seeks to alert the need to install the project, since there are new demands for the Library and intentions to adapt the Building to new functions, which may compromise the future possibility of the Garden's implementation. After studying the circumstances in which the project was developed, the research advanced the analysis of the proposal using computer graphics as a means of building the project in virtual reality. By adopting this methodological procedure, it was possible to better understand the author's ideas, as well as to share information in a didactic and efficient way. The first analyzes have already been published, which made possible to obtain new results, as the research aroused the interest of the team of the UFRN Infrastructure Superintendent, responsible for the construction and architecture of the Campus, as well as for the conservation of the built heritage.

**Key words:** Modern garden; Heritage; Natal / RN.



\* **PAULO JOSÉ LISBOA NOBRE** é professor de Paisagismo do Departamento de Arquitetura - DARQ/UFRN e do Programa de Pós-Graduação em Projeto, Arquitetura e Meio Ambiente – PPAPMA/UFRN.



\*\* **MARIZO VITOR PEREIRA** é professor do Departamento de Arquitetura – DARQ/UFRN.

## Introdução

Dois autores, Flavio Motta (1986) e Jacques Leenhardt (1994), proporcionam uma importante contribuição ao estudo da obra de Roberto Burle Marx ao apresentarem a lista dos seus projetos paisagísticos, dentre os quais relacionam propostas desenvolvidas para a cidade de Natal. É curioso que, em ambos os casos, a relação não contemple um grande projeto desenvolvido para a capital potiguar, o Parque das Dunas – Via Costeira<sup>1</sup>. No entanto, posteriormente, este projeto foi reconhecido por José Tabacow (2009) como um dos importantes trabalhos concretizados pela parceria entre Burle Marx e o botânico Luiz Emygdio de Mello Filho: “[...] entre os quais se destacam o Parque do Flamengo, no Rio de Janeiro e o Parque das Dunas, em Natal, Rio Grande do Norte” (TABACOW, 2009).

Foi em busca de maiores informações sobre esse projeto que, em 2007, dois professores do Departamento de Arquitetura da UFRN iniciaram a pesquisa, atendendo ao chamado do Laboratório da Paisagem da UFPE às demais Universidades da Região, num movimento que resultou na criação do Grupo de Pesquisa Jardins de Burle Marx no Nordeste. Dois anos depois, em 2009, o centenário de Burle Marx foi tema de um evento na UFRN, cuja repercussão gerou um fato inesperado: a “descoberta” de um projeto paisagístico inédito para o Campus da nossa Universidade – o Jardim do Pátio Interno da Biblioteca Central, datado de 1976.

O Campus Universitário Central da Universidade Federal do Rio Grande do

Norte – UFRN começou a ser construído em meados da década de 1970. O plano urbanístico original do Arquiteto Alcyr Meira sofreu várias modificações, enquanto que outros projetos nunca foram executados, como o projeto paisagístico de Roberto Burle Marx. Apesar de passados mais de quarenta anos, essa proposta ainda permanece desconhecida. Portanto, este artigo se debruça sobre a trajetória deste Jardim, que corre o risco de permanecer no campo da imaginação.

A pesquisa empreendida busca estudar e divulgar essa obra paisagística e tem como um dos seus objetivos chamar a atenção da comunidade universitária para a possibilidade de usufruir de um jardim modernista, pensado por um famoso paisagista brasileiro. Nesse sentido, se faz necessário compreender que a Biblioteca demanda adaptações constantes para atender a funções sempre renovadas. Uma vez que o espaço destinado ao jardim se localiza no interior do edifício, tal dinâmica pode comprometer a sua execução futura.

Assim, o presente artigo pretende contribuir com a discussão sobre a preservação do patrimônio e da memória na UFRN, apresentando a possibilidade de conciliar a implantação futura do jardim com as necessidades de reforma do edifício da Biblioteca Central. A computação gráfica foi utilizada como meio de construir o projeto em realidade virtual e assim foi possível compreender melhor as ideias do autor, bem como iniciar um diálogo com a equipe da Superintendência de Infraestrutura da UFRN, responsável pela construção civil e arquitetura do Campus, assim como pela conservação do patrimônio edificado.

<sup>1</sup> Trata-se de uma Avenida com cerca de 10 km de extensão, ligando as praias de Ponta Negra e Areia Preta.

Em 2013, as primeiras análises acerca do projeto foram divulgadas no livro “Jardins de Burle Marx no Nordeste do Brasil” (SÁ CARNEIRO et al, 2013), que reúne estudos sobre sua obra paisagística na Região Nordeste. No que se refere à cidade de Natal, entre os projetos atribuídos a Burle Marx, o Jardim da Biblioteca da UFRN é o único que reúne todas as condições para sua execução. No entanto, naquele momento esta condição estava prestes a mudar, pois já estava em andamento o projeto de reforma do edifício, visando adaptá-lo às novas demandas da Biblioteca.

Desconhecido na bibliografia oficial do paisagista, assim como na cidade e na própria Universidade, a localização deste projeto nos arquivos da Superintendência de Infraestrutura da UFRN pode ser considerada um dos avanços possibilitados pela pesquisa sobre os projetos de Burle Marx para Natal, bem como seus desdobramentos posteriores. Inicialmente, o fato não despertou grande interesse. As tentativas de sensibilização para a execução do projeto sempre esbarraram na dificuldade orçamentária, mesmo quando os recursos financeiros destinados às Universidades Federais brasileiras ainda não estavam sendo contingenciados, ao contrário do momento atual.

Na fase atual, mesmo sem atingir ainda os meios para a execução do Jardim, a pesquisa busca demonstrar que a existência desse projeto paisagístico é um fato notável, que faz parte de nossa história, em especial no ano em que a UFRN comemora seu aniversário de sessenta anos e que por isso mesmo, neste ano especial, os esforços da instituição deveriam caminhar para que o projeto fosse implantado como um marco histórico na Universidade. O

entendimento desse Jardim como um Patrimônio, mesmo se referindo a um projeto paisagístico não executado, é de fundamental importância, não somente para a UFRN, mas também para a cidade e para o conjunto da obra do paisagista.

A importância da obra de Burle Marx é mundialmente reconhecida, suas experiências são consideradas a expressão mais autêntica do Jardim Moderno brasileiro (TABACOW, 2009). Tal prestígio justifica o tombamento de suas obras, à exemplo do conjunto de seis Jardins Históricos protegidos na cidade do Recife, além do Sítio que abriga sua coleção botânica e artística, atualmente denominado Unidade Especial “Centro Cultural Sítio Roberto Burle Marx”.

Segundo a Representação da UNESCO no Brasil, a Convenção sobre a Proteção do Patrimônio Mundial Cultural e Natural, aprovada em 1972, define que os bens culturais devem “representar uma obra prima do gênio criativo humano” para serem incluídos na Lista do Patrimônio Mundial (O PATRIMÔNIO, 2017). Esse critério de seleção está no cerne da proteção dos Jardins Históricos anteriormente referidos:

A criação dos jardins do Recife, na década de 1930, pelo paisagista Roberto Burle Marx representou algo inovador na paisagem brasileira. A partir daí ficou definida uma nova fase do paisagismo no Brasil, fundamentada nos princípios do Movimento Moderno, que priorizava e enaltecia a utilização dos artefatos nacionais, incluindo a vegetação regional e os materiais construtivos (SÁ CARNEIRO; SILVA, 2017).

Os autores explicam ainda que o jardim moderno de Burle Marx está apoiado no tripé higiene, educação e arte, no qual a vegetação é o elemento principal. No mesmo sentido, comentando sobre os Jardins Históricos do Recife, Guilherme M. Dourado (2009) afirma:

[...] Nesse conjunto de obras, o paisagista iniciava uma reflexão sobre os conteúdos modernos que as áreas verdes urbanas passariam a contemplar, ressaltando quatro dimensões principais: a recreativa, a artística, a educativa e a ambiental.

Esses princípios estão presentes no Jardim proposto para a Biblioteca Central da UFRN, o que é possível observar a partir da análise do projeto, como será visto adiante. A dimensão artística está presente no uso das cores e texturas das plantas, nos canteiros e nas esculturas vegetadas. O uso da flora brasileira é educativo e se sobrepõe à questão ambiental, numa postura vanguardista considerando que à época a conscientização ecológica era insipiente, como o próprio Burle Marx afirmou em 1967, na conferência intitulada “Jardim e Ecologia”:

A missão social do paisagista tem esse lado pedagógico de fazer comunicar às multidões o sentimento de apreço e compreensão dos valores da natureza através do contato com o jardim e com o parque. No Brasil, onde há, em parte, esse desamor pelo que é plantado, a lição da experiência me ensinou que é preciso insistir muitas vezes para, através do choque entre as posições, trazer o entendimento da importância de nossa ação e contribuição, para provocar uma mudança de mentalidade. Também a nossa atitude tem um sentido projetivo, em relação ao futuro, para mostrar que houve alguém

preocupado em deixar um legado valioso em estética e utilidade para os pósteros (TABACOW, 1987).

O pátio interno da Biblioteca se configura num espaço de amenização climática no interior do edifício brutalista, transformando o Jardim num oásis, numa porção de natureza a ser fruída e compartilhada pelos usuários, o que confere ao projeto sua dimensão recreativa. Tais atributos identificam esse Jardim como expressão de uma obra única, resultado da inquietação e da vanguarda do pensamento de um gênio criador.

Assim, a pesquisa aponta para a necessidade de proteger o patrimônio e a memória da UFRN, nesse caso referente a um conjunto que permanece inconcluso, pois somente após a execução do projeto de Burle Marx se dará a síntese entre a arquitetura brutalista e o jardim modernista que, perfeitamente integrados, personificam um momento único na história da arquitetura brasileira.

### A Biblioteca e o contexto

O projeto do jardim para o Pátio Interno da Biblioteca Central da UFRN<sup>2</sup> é datado de 1976, enquanto que o edifício foi concebido em 1973 pelo arquiteto paraense Alcyr Meira. A construção da Biblioteca ocorreu entre 1975 e 1976, sendo citada como uma das principais realizações do Reitor Domingos Gomes de Lima (LIMA, 1977). Provavelmente, a participação de Burle Marx não estava prevista no momento da concepção do edifício, uma vez que no projeto original o espaço ocupado pelo jardim é denominado apenas como “vazio”. Não foram encontrados registros da contratação do paisagista, porém, diante

<sup>2</sup> Atualmente denominada Biblioteca Central Zila Mamede – BCZM.

da coincidência de datas, é possível supor que tenha ocorrido durante a

construção, ou logo após a execução da obra.



**Figura 01:** Aspecto externo da Biblioteca Central Zila Mamede UFRN.

Fonte: <https://commons.wikimedia.org>

Um das hipóteses aventadas, que pode justificar a contratação de um famoso paisagista brasileiro no início da construção do Campus Universitário da UFRN, é o contexto de investimentos do governo federal. Além disso, o edifício da Biblioteca abrigou, até 1979, as instalações da Reitoria (LIMA JÚNIOR, 2008). Tal fato pode explicar a necessidade de qualificar internamente o edifício brutalista, talvez buscando humanizar a linguagem arquitetônica que deixa à mostra os elementos estruturais e rejeita todo o supérfluo. Nesse sentido, ao comentar sobre os primeiros edifícios construídos no Campus da UFRN, Edja Trigueiro destaca que foram utilizados materiais e

elementos de vedação inteiramente inadequados ao clima quente e úmido local (TRIGUEIRO, 2008).

É curioso que o investimento não tenha sido concretizado, uma vez que o projeto não foi executado e o jardim atualmente existente no pátio da Biblioteca é uma composição recente de autoria desconhecida. Burle Marx concebeu outros projetos para Natal<sup>3</sup>,

<sup>3</sup> Em 1980, o projeto do edifício sede da Alcalis do Rio Grande do Norte S.A. – ALCANORTE, assinado por Oscar Niemeyer e Burle Marx, foi tema de reportagem da Revista Veja intitulada “Palácio da Seca”. Do mesmo modo, o Parque das Dunas-Via Costeira foi concebido num período de polêmicas focadas no avanço do

alguns envolvidos em debates e polêmicas que, ao sabor de revezes políticos, não encontraram terreno propício para sua execução. Esse traço comum na história da cidade resultou no esquecimento das ideias do paisagista, que infelizmente permanecem inconclusas e desconhecidas.

### O Jardim

O pátio interno da biblioteca central da UFRN está localizado no nível inferior do edifício, que se adapta ao declive do terreno assentando-se em meio-níveis. O pátio conforma um espaço de pé direito duplo e ao mesmo tempo um vazio, como definiu o arquiteto Alcyr Meira no seu projeto arquitetônico. O espaço é interceptado por elementos da circulação do edifício, que o subdividem nos dois níveis; no nível do solo uma passarela secciona o espaço em dois retângulos permeáveis, enquanto que no pavimento superior a circulação aérea corta o vazio conformando a cobertura sobre a passagem inferior, funcionando como um mirante para apreciá-lo. Vale salientar que o espaço já sofreu alterações<sup>4</sup>, que subtraem parte da área destinada a composição paisagística.

A situação composta pelo partido arquitetônico e volumetria do edifício definiu também o projeto paisagístico. Burle Marx soube tirar o máximo proveito do espaço, integrando os dois pátios seccionados pelos acessos e elementos de circulação e explorando a relação entre espaços abertos e fechados

proporcionada pela conjuntura arquitetônica. Dessa forma, a proposta paisagística se integra perfeitamente ao edifício, constituindo-se numa composição pensada para ser percorrida e vista de frente e do alto, a partir do acesso principal, além de outros ângulos visuais privilegiados.

Como foi dito, o jardim atualmente existente no local em tudo difere da proposta de Burle Marx; porém, cabe destacar sua importância para os visitantes e usuários, que após transcorrerem o vestíbulo de entrada, são recebidos pelo verde que se insinua através do vão da escada.

---

movimento ambientalista em Natal, contrário aos interesses da classe política.

<sup>4</sup> Nesse sentido, observar na planta baixa do pavimento inferior (Figura 04), que o acesso para a Sala de Leitura (3) se dá pelo jardim, através de uma porta inexistente no projeto original. Da mesma forma, foi demolida parte da parede divisória, que faz as vezes de “fundo” do jardim, para integrar a Cantina (5) ao jardim.



**Figura 02:** O Pátio com o jardim atual visto da escada de acesso ao pavimento inferior.

Fonte: Acervo dos Autores.

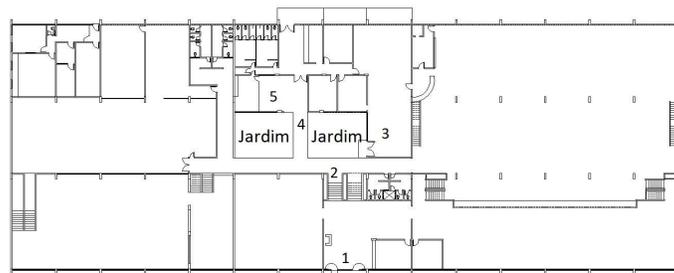
No pavimento inferior, o pátio se converteu em um espaço de convivência, contíguo à cantina. Mesmo em sua configuração atual, esse pátio ajardinado proporciona uma sensação refrescante, pois os usuários desfrutam de um agradável espaço aberto no interior do edifício, podendo ali

permanecer ou se destinar a outros setores da Biblioteca. Quem se desloca pelo pavimento superior também experimenta essa sensação, proporcionada pela transição entre o vazio e o construído, podendo contemplar do alto os usos cotidianos do edifício.

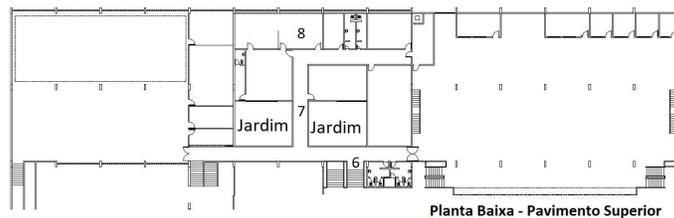


**Figura 03:** O Pátio com o jardim atual visto do pavimento superior.  
Fonte: Acervo dos Autores.

Se o seu projeto paisagístico de Burle Marx tivesse sido executado, seria possível aos usuários imergir numa obra de arte, vivenciando uma experiência sensorial, para além da sensação de amenização climática.



**LEGENDA:** 1-Entrada 2-Acesso ao Pavimento Inferior 3-Sala de Leitura 4-Passarela 5-Cantina  
6-Acesso ao Pavimento Superior 7-Passarela 8-Administração da Biblioteca Central



**Figura 04:** Plantas atuais da Biblioteca Central da UFRN (BCZM).

Fonte: Elaborado pelos Autores, a partir dos arquivos da Superintendência de Infraestrutura (SIN/UFRN).

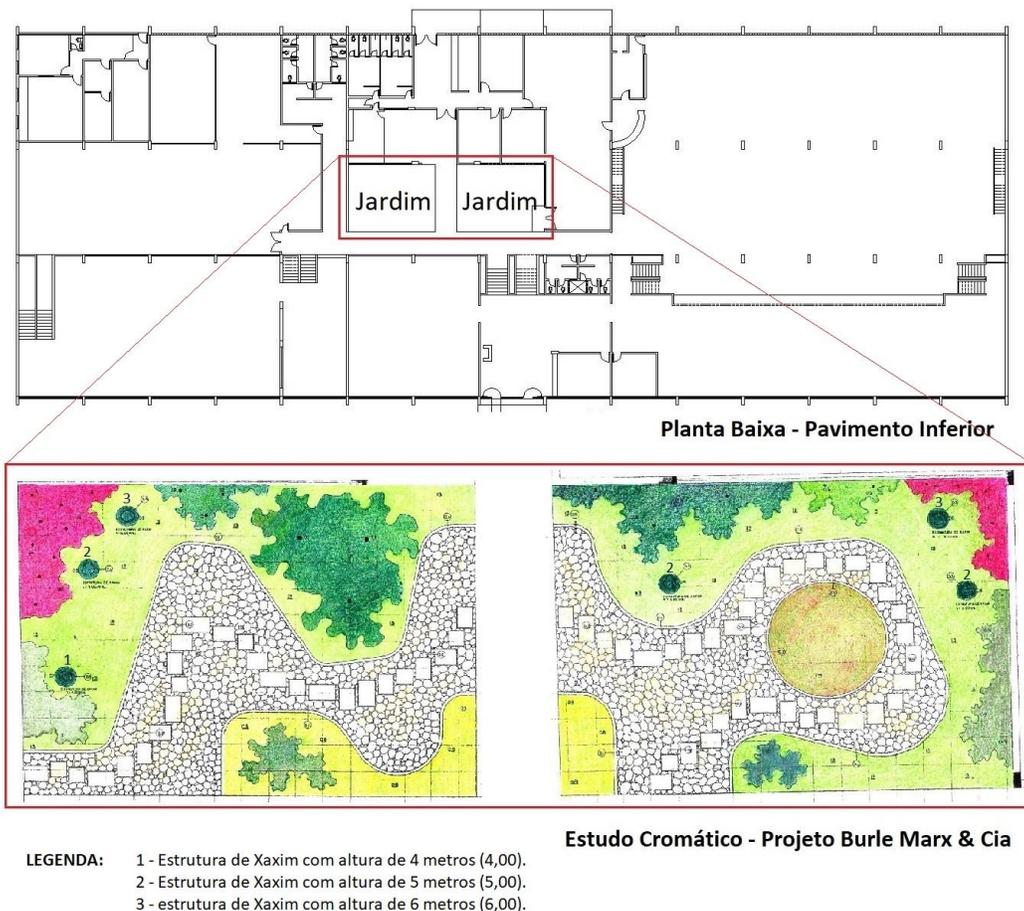
Ocupando uma área de aproximadamente cem metros quadrados (100m<sup>2</sup>), a proposta é definida em uma mancha única, embora composta de duas partes, uma vez que é seccionada pela passarela citada anteriormente. Os detalhes que integram a proposta quebram a monotonia do plano, valorizando o todo sem comprometer a individualidade.



**Figura 05:** Projeto para o Pátio Interno da Biblioteca Central da UFRN, Burle Marx & Cia, 1976.  
Fonte: NOBRE et al, 2013.

O período de desenvolvimento da pesquisa foi marcado por diferentes fases, desde a divulgação da existência do projeto de Burle Marx para a UFRN. O principal desafio continua sendo conscientizar a comunidade universitária da importância do projeto e da urgência da sua execução. Para tanto, como também para melhor entender a concepção do jardim, os pesquisadores lançaram mão das tecnologias digitais, cada vez mais desenvolvidas no campo da arquitetura e urbanismo e que se mostram como importantes ferramentas de pesquisa.

Além do detalhamento proporcionado pelas maquetes digitais, é notável o aspecto didático e interatividade desses recursos. Ao construir virtualmente o jardim projetado por Burle Marx, a realidade virtual proporciona a oportunidade de se transportar para a composição imaginada, o que significa uma oportunidade a mais dessa ideia ser realizada. Esse é um aspecto positivo para o campo de pesquisa no campo do paisagismo e, espera-se, um meio eficiente de convencer sobre o valor desse patrimônio para a UFRN.



**Figura 06:** Estudo Cromático do Projeto e a projeção de sua localização no interior do edifício.  
 Fonte: Elaborado pelos Autores, a partir dos arquivos da Superintendência de Infraestrutura (SIN/UFRN).

No nível inferior do edifício, o usuário não apenas observa o jardim, mas é convidado a percorrer o caminho composto por seixos e lajotas<sup>5</sup>, usufruindo as sensações proporcionadas pela vegetação ao transitar entre os canteiros. Assim, através do deslocamento das pessoas no interior da composição, materializa-se a quarta dimensão do jardim, segundo o pensamento do paisagista: “Nunca

pensei em um jardim bidimensional, jardim sempre tem terceira dimensão. E outra coisa importantíssima é a quarta dimensão: o tempo necessário para se observar esse espaço” (BURLE MARX apud FLORIANO, 2007). A composição vegetal se instala em canteiros de formas geométricas, para os quais foram especificadas dezesseis espécies vegetais da flora tropical de sub-bosque, adequadas às condições de sombreamento do local.

<sup>5</sup> O material para as lajotas, fixadas entre o caminho de seixos, seria o arenito ou granito, de acordo com as especificações do projeto paisagístico.



Figura 07: Perspectiva do Jardim de Burle Marx projetado para a UFRN, em realidade virtual.  
Fonte: NOBRE, 2010.

O jardim pensado por Burle Marx se elevaria através de esculturas vegetadas, envolvendo o observador posicionado no pavimento superior. Esses elementos, de alturas variáveis, criam volumes verticais em alguns pontos estratégicos localizados na periferia do jardim, dando ao mesmo tempo profundidade e intimidade. Os elementos verticais, especificados no projeto como *Estruturas de Xaxim*, são

suportes para plantas estruturados sobre um “tubo de eternit”, em cujo interior estava contido um cano para irrigação. Um “misto” orgânico envolveria o tubo, por sua vez coberto por placas de xaxim e arrematadas por uma tela de arame galvanizado. Tal estrutura, também chamada de totem, se conformaria no suporte adequado e escultural para espécies vegetais escandentes e foram usadas em outros projetos do paisagista.



Figura 08: Perspectiva do Jardim de Burle Marx (realidade virtual), com indicação de espécies vegetais.  
Fonte: Elaborado pelos autores, a partir dos arquivos da Superintendência de Infraestrutura (SIN/UFRN).

A esse respeito, Burle Marx tece alguns comentários numa carta a Conrad Hamerman<sup>6</sup> datada de 17 de março de 1967. Assim ele se expressa sobre o jardim do Ministério das Relações Exteriores, em Brasília, então recém-concluído: “[...] O jardim interno se liga ao jardim externo. Cobri tubos com xaxim e plantei filodendros, antúrios e outras plantas epífitas [...]” (DOURADO, 2017). Esse é possivelmente o nascedouro da ideia, que foi retomada em dois projetos elaborados em 1976 – o Jardim do Teatro Nacional, em Brasília e o Jardim da Biblioteca da UFRN.



**Figura 09:** Ministério das Relações Exteriores, Brasília, 1965.  
Fonte: FROTA, 1994.



**Figura 10:** Teatro Nacional, Brasília, 1976.  
Fonte: FLEMING, 1996.

---

<sup>6</sup> Conrad Hamerman, paisagista, colaborador e amigo de Roberto, nos Estados Unidos (DOURADO, 2017, p.20).

---

A ideia de imprimir verticalidade aos jardins é constante na obra do paisagista, configurando tridimensionalidade às suas composições e explorando a versatilidade de materiais diversos. Na Fazenda Vargem Grande (projeto datado de 1979), Burle Marx criou volumes verticais compostos de pedras e plantas; enquanto no seu Sítio, utilizou composições com cantaria de

demolição e esculturas metálicas como suportes para bromélias.

Em 1988, no Banco Safra de São Paulo, foram utilizadas estruturas verticais vegetadas encaixadas na paginação do piso. Para Vera B. Siqueira, tal solução aproveita o espaço restrito e “[...] consegue animar um local de passagem, fazendo da experiência do deslocamento físico no espaço elemento constitutivo da própria espacialidade” (SIQUEIRA, 2004, p. 110).



**Figura 11:** Banco Safra, São Paulo, 1988.  
Fonte: SIQUEIRA, 2004.

Tais características e significados também estão presentes no projeto para a UFRN. Porém, em se tratando do efeito da verticalidade, existe maior semelhança com o jardim da Xerox Corporation do Rio de Janeiro, de 1980. Ali, o pequeno jardim interno se eleva em estruturas metálicas revestidas de xaxim e cobertas por espécies vegetais,

estabelecendo um diálogo entre os pavimentos que se abrem para vazio interno ao edifício. Resguardadas as diferenças de escala, são semelhantes as intenções de integrar o jardim e a arquitetura, elevar a composição paisagística e oferecer diversas possibilidades para a sua contemplação.



Figura 12: Xerox Corporation, Rio de Janeiro, 1980.  
Fonte: FLEMING, 1996.

### **A trajetória: a manutenção do espaço do jardim**

A divulgação da pesquisa sobre o projeto paisagístico de Burle Marx para a Biblioteca Central da UFRN teve outros resultados, para além do estudo e análise das ideias do paisagista. Um dos mais importantes, até o presente momento, foi despertar o interesse da equipe de arquitetos da Superintendência de Infraestrutura – SIN/UFRN, responsável pelo projeto de reforma do edifício.

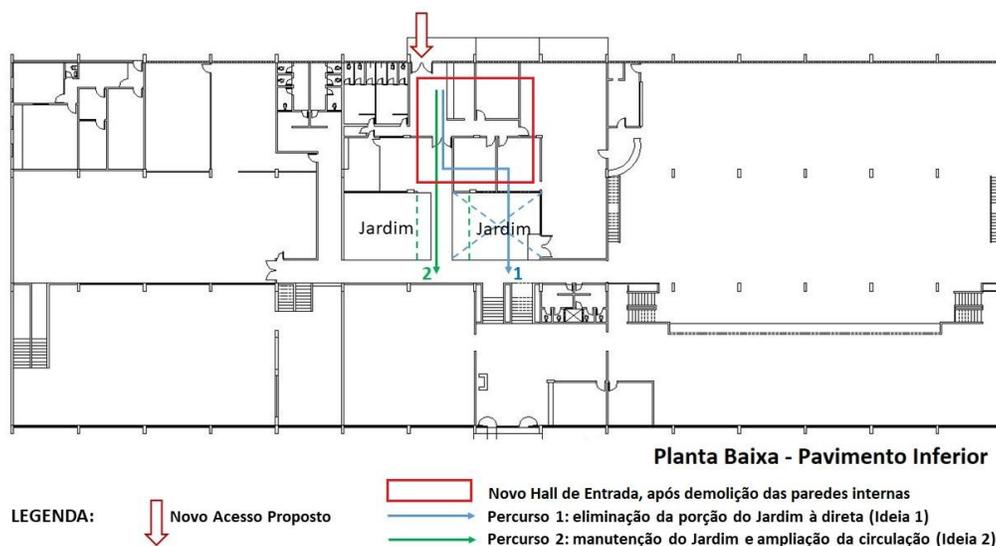
A principal alteração proposta se constitui na modificação da entrada principal, que passaria a se localizar na parte posterior do edifício. Assim, seria invertida completamente a atual lógica da circulação e do zoneamento interno, de forma que o novo acesso resultaria numa total reformulação dos ambientes com implicação na composição arquitetônica para a qual foi pensada o jardim. Mediante a demolição das paredes divisórias, foi prevista a junção de diversas salas para dar lugar ao setor de recepção dos visitantes e usuários.

Num primeiro momento, foi pensado integrar uma parte do jardim ao novo hall de entrada, que passaria a abrigar o setor de informações e referências (Ideia 1 – ver Figura 13). Dessa forma, os esforços no sentido de viabilizar a execução futura do projeto de Burle Marx ficariam inviabilizados, diante da completa reestruturação do espaço contendor do jardim (Percurso 1).

A importância do projeto paisagístico de Burle Marx justifica a manutenção do espaço do jardim, em sua totalidade, mesmo considerando a necessidade de adaptar o edifício para aprimorar seu funcionamento e os serviços oferecidos. Vale salientar que a Biblioteca faz parte do conjunto das primeiras edificações

construídas no Campus Universitário, que devem ter sua integridade protegida enquanto conjunto de bens patrimoniais.

Após tomar conhecimento dos resultados desta pesquisa, a equipe de arquitetos da SIN/UFRN buscou outras alternativas, visando conciliar as novas demandas com a permanência do espaço permeável destinado ao Jardim. Assim, foi desenvolvida uma segunda proposta, que apresenta melhor solução, pois reúne as condições para a execução futura do projeto de Burle Marx, mantendo o espaço do Jardim numa conformação mais fiel possível ao pátio interno definido no projeto arquitetônico.



**Figura 13:** Planta da Biblioteca, indicando as modificações propostas e alterações no espaço o jardim.  
 Fonte: Elaborado pelos Autores, a partir dos arquivos da Superintendência de Infraestrutura (SIN/UFRN).

A segunda opção (Ideia 2 – ver Figura 13) interfere menos no projeto original. Embora a percepção do visitante seja alterada, uma vez que haveria uma inversão dos fluxos (Percurso 2), não haveria prejuízos significativos na ambiência do jardim. No entanto, é

forçoso notar que a proposta modifica a composição, reduzindo sua área. Duas faixas do espaço reservado ao jardim são subtraídas com o objetivo de ampliar a circulação, que passaria a se constituir o principal acesso ao edifício. No entanto, uma vez executado o

projeto paisagístico, a circulação interna proposta por Burle Marx, que se desenvolve de forma orgânica, possibilitando a contemplação do jardim, daria também outras opções de deslocamento aos usuários, que poderiam se distribuir a partir da passarela central.

### Considerações finais

A necessidade de adaptar o edifício da Biblioteca, desperta a discussão sobre a necessidade de preservar a memória universitária. Um amplo resgate histórico sobre a arquitetura e o processo de ocupação do Campus está presente no livro “Portal da Memória” (LIMA JÚNIOR, 2008), que reúne farta documentação. Diversos estudos e debates estão em andamento acerca da preservação do patrimônio edificado na cidade de Natal, mas cabe chamar a atenção sobre a importância do patrimônio não edificado, no qual se insere o conjunto de projetos paisagísticos de Burle Marx, em especial o Jardim da Biblioteca da UFRN que contém todas as especificações necessárias para a sua execução.

O prestígio do autor é motivo suficiente para que sejam envidados todos os esforços para a realização desse Jardim. Além de valorizar e qualificar o ambiente interno da Biblioteca, a oportunidade de executar o projeto poderá se constituir numa interessante experiência didática envolvendo docentes e discentes dos cursos de arquitetura, engenharia civil e ciências biológicas, entre outros.

Nesse caso específico, as dimensões de patrimônio arquitetônico e paisagístico estão entrelaçadas, uma vez que o jardim está contido no edifício. Dessa forma, tendo em vista uma futura execução, qualquer modificação no

espaço contendor do jardim deve ser analisada com cautela.

Ao final, se faz necessário enfatizar que a investigação empreendida até o presente momento já rende frutos, na medida em que possibilitou estabelecer uma rede de simpatizantes em torno da ideia da realização do Jardim, que envolve bibliotecários e técnicos da Biblioteca Central e a equipe de arquitetos da SIN/UFRN, restando agora sensibilizar a comunidade universitária como um todo, para que seja possível encontrar os meios para atingir nosso objetivo maior.

### Referências

- DOURADO, G. M. Espelhos de Si: Burle Marx a partir de suas cartas. **Paisagem Ambiente: Ensaios**, n. 39, p.15-39, 2017.
- DOURADO, G. M. **Modernidade Verde: jardins de Burle Marx**. São Paulo: Editora Senac, 2009.
- FLEMING, Laurence. **Roberto Burle Marx: um retrato**. Rio de Janeiro: Editora Index, 1996.
- FLORIANO, C. Roberto Burle Marx: Jardins do Brasil, a sua mais pura tradução. **Revista Esboços**, n. 15, p.11-24, 2007.
- FROTA, Lélia Coelho. **Burle Marx: paisagismo no Brasil**. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1994.
- LEENHARDT, J. (Org.). **Nos Jardins de Burle Marx**. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- LIMA JÚNIOR, C. N. Breve Histórico da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. In: LIMA JÚNIOR, C. N. (Org.). **Portal da Memória: Universidade Federal do Rio Grande do Norte 50 anos (1958-2008)**. Brasília: Senado Federal, 2008. p.15-32.
- LIMA, D. G. **Síntese das Principais Realizações**. Natal: Editora Universitária, 1977.
- MOTTA, F. L. **Roberto Burle Marx e a Nova Visão da Paisagem**. São Paulo: Nobel, 1986.
- NOBRE, P. J. L. Jardins Severinos: os projetos de Burle Marx para Natal. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO NORTE-NORDESTE, 3, 2010,

João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 2010. 1 CD-ROM.

NOBRE, P. J. L.; PEREIRA, M. V.; RIBEIRO, I. S. Jardins de Burle Marx em Natal. In: SÁ CARNEIRO, A. R.; SILVA, A. F.; SILVA, J. M. (Orgs.). **Jardins de Burle Marx no Nordeste do Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013. p.213-240.

O PATRIMÔNIO: legado do passado ao futuro. In: Representação da UNESCO no Brasil, 2017. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/heritage-legacy-from-past-to-the-future/>. Acesso em 17.07.2018.

PALÁCIO da Seca, In: Revista Veja. n. 640, dezembro de 1980. Disponível em: <https://acervo.veja.abril.com.br/#/search/619?term=1980>. Acesso em 17.07.2018.

SÁ CARNEIRO, A. R.; SILVA, J. M. **Inventário dos Jardins de Burle Marx no Recife**. Recife: Editora da UFPE, 2017.

SIQUEIRA, Vera Beatriz. **Burle Marx**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

TABACOW, J. Roberto Burle Marx: a ciência da percepção. In: CAVALCANTI, L.; EL-DAHDAH, F. (Orgs.). **A Permanência do Instável: Roberto Burle Marx 100 Anos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009. p.100-110.

TABACOW, J. **Roberto Burle Marx: arte e paisagem – conferências escolhidas**. São Paulo: Nobel, 1987.

TRIGUEIRO, E. Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. In: LIMA JÚNIOR, C. N. (Org.). **Portal da Memória: Universidade Federal do Rio Grande do Norte 50 anos (1958-2008)**. Brasília: Senado Federal, 2008. p.45-72.

*Recebido em 2018-12-04  
Publicado em 2019-02-06*